

OS RECONTOS AFRICANOS DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ EM SIKULUME E OUTROS CONTOS AFRICANOS¹

Edivaldo Márcio Donge Isaac²

RESUMO

O presente artigo analisa o reconto *Sikulume*, parte integrante da obra *Sikulume e outros contos africanos* (2005), do escritor afro-brasileiro Júlio Emílio Braz, no contexto da literatura infantojuvenil brasileira, cuja produção é um campo em constante disputa por espaço, legitimidade e reconhecimento. O objetivo central desta pesquisa é compreender como o autor reelabora a narrativa oral africana, explorando seus elementos culturais, simbólicos e literários, bem como discutir a contribuição desses recontos para a valorização da identidade negra e para a ampliação dos repertórios culturais africanos no espaço escolar, em consonância com a Lei nº 10.639/03. A metodologia adotada fundamentou-se na análise literária do conto, tomando como base a noção de materialidade da impressão de Chartier (1990, 2014) e as reflexões sobre a oralidade africana de Finnegan (2016), percurso que envolveu a leitura crítica e a identificação de elementos culturais de matriz africana. Os resultados encontrados demonstram que a obra de Júlio Emílio Braz, ao resgatar tradições orais e saberes ancestrais, evidencia a centralidade da oralidade, da coletividade e dos valores comunitários como princípios estruturantes das cosmovisões africanas. A análise aponta que a passagem da oralidade à escrita possibilita a preservação da memória cultural e a introdução de saberes africanos no contexto educacional, configurando a literatura negra como um ato político que desafia o apagamento histórico e se constitui como ferramenta de resistência ao racismo epistêmico. Conclui-se que a obra *Sikulume e outros contos africanos* posiciona-se como um recurso pedagógico essencial na construção de uma prática educativa crítica, plural e afro-referenciada, atuando como instrumento de transformação social e de promoção da autoestima e da diversidade, cumprindo o direito legal e ético à memória e à história.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil brasileira; Braz, Julio Emilio, 1959- . *Sikulume e outros contos africanos* - crítica e interpretação; antirracismo; Brasil. [Lei n. 10.639 de 9 de janeiro de 2003].

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

² Licenciando do curso de Letras – Língua Portuguesa da UNILAB e bolsista de iniciação científica pelo PIBIC/UNILAB.

ABSTRACT

The present article analyzes the retelling *Sikulume*, an integral part of the work *Sikulume e outros contos africanos* (2005), by the Afro-Brazilian writer Júlio Emílio Braz, in the context of Brazilian children's and young adult literature, whose production is a field in constant dispute for space, legitimacy, and recognition. The central objective of this research is to understand how the author reworks the African oral narrative, exploring its cultural, symbolic, and literary elements, as well as to discuss the contribution of these retellings to the valorization of black identity and to the expansion of African cultural repertoires in the school environment, in line with Law No. 10.639/03. The adopted methodology was based on the literary analysis of the story, taking as a foundation the notion of the materiality of printing by Chartier (1990, 2014) and the reflections on African orality by Finnegan (2016), a path that involved the critical reading and the identification of cultural elements of African origin. The results demonstrate that Júlio Emílio Braz's work, by rescuing oral traditions and ancestral knowledge, highlights the centrality of orality, collectivity, and communal values as structuring principles of African cosmovisions. The analysis points out that the transition from orality to writing enables the preservation of cultural memory and the introduction of African knowledge in the educational context, configuring black literature as a political act that challenges historical erasure and constitutes itself as a tool of resistance to epistemic racism. It is concluded that the work *Sikulume e outros contos africanos* positions itself as an essential pedagogical resource in the construction of a critical, plural, and Afro-referenced educational practice, acting as an instrument of social transformation and of the promotion of self-esteem and diversity, fulfilling the legal and ethical right to memory and history.

Keywords: Brazilian children's and young adult literature; Braz, Julio Emilio, 1959- . *Sikulume* and other African tales - criticism and interpretation; anti-racism; Brazil. [Law no. 10.639 of January 9, 2003].

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito analisar o reconto *Sikulume*, existente na obra *Sikulume e outros contos africanos*, do autor afro-brasileiro Júlio Emílio Braz³. Com ilustrações de Luciane Justiniani sua primeira edição foi publicada em 2005 pela editora Pallas. A pesquisa

³ Reconto é contar novamente uma história já existente, mantendo os elementos centrais da narrativa original.

busca apresentar como o autor reelabora a narrativa tradicional africana, explorando seus elementos culturais, simbólicos e literários no contexto da literatura infantojuvenil. Bem como discutir como os recontos africanos do autor contribuem para a valorização da identidade negra, para a promoção de uma educação antirracista e para a ampliação dos repertórios culturais africanos no espaço escolar em consonância com a Lei 10.639/03.

Ao explorar narrativas que resgatam tradições orais, mitologias e saberes ancestrais do continente africano, a obra de Júlio Emílio Braz não apenas enriquece o imaginário literário infantojuvenil, mas também se posiciona como ferramenta pedagógica essencial na construção de uma prática educativa crítica, plural e afro-referenciada. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo compreender na obra *Sikulume e Outros Contos Africanos* as representações desse continente. Já os objetivos específicos são: discutir e problematizar os sentidos e significados que emergem dessas narrativas; contextualizar, a partir da história das edições, o processo de produção da obra analisada, apresentar a trajetória do autor para compreender suas intenções na elaboração dessa literatura e por fim, refletir sobre as possibilidades de utilização desse repertório na educação básica, em consonância com a proposta de uma educação antirracista.

A pesquisa se orienta pelas seguintes questões norteadoras: Qual a importância da literatura infantil e juvenil de Júlio Emílio Braz? Como a obra *Sikulume e outros contos africanos* tematizam as culturas africanas? Como ela pode contribuir para ensinar repertórios culturais e civilizatórios extra-ocidentais? Qual o sentido de usar essa literatura na escola?

O estudo nos permite compreender também, como essas produções dialogam com o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, promovendo uma reflexão sobre o papel da literatura como instrumento de transformação social. Nesse sentido, a Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003) representa um marco jurídico e político fundamental, ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena na educação básica, promovendo mudanças significativas nos currículos escolares. Como destaca Silva (2019, p. 42), “essa legislação impulsionou uma guinada epistemológica nas práticas educacionais e editoriais, permitindo maior visibilidade às produções literárias de autoria negra e às narrativas africanas”.

É importante destacar que o presente artigo desenvolveu-se a partir de um plano de trabalho no âmbito da pesquisa *A temática africana na literatura infantil e juvenil: uma nova história a ser contada*, aprovado pelo Edital PROPPG 02/2024, vinculado ao – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiada pela Unilab (PIBIC/UNILAB), que teve início em 01/10/2024 e o encerramento em 30/09/2025, coordenado pela professora

orientadora deste estudo. No desenvolvimento do plano de trabalho, *Os recontos africanos de Júlio Emílio Braz* foram realizados análise de obras, levantamento bibliográfico, entrevistas e discussões teóricas acerca das representações das culturas africanas na literatura infantojuvenil.

A conexão entre a experiência de pesquisa no PIBIC e a minha formação acadêmica no curso de Letras transcende a dimensão curricular, contribuindo para a construção de uma prática pedagógica transformadora, pautada no reconhecimento e na valorização da ancestralidade africana. Como defende Quijano (2005, p. 122), “a colonialidade do poder impõe uma hierarquização dos saberes que ainda precisa ser superada, sobretudo por meio de processos educacionais decoloniais”. Nessa perspectiva, a investigação aqui apresentada fortalece o compromisso social e ético de formar professores críticos, capazes de atuar como multiplicadores de uma cultura de reconhecimento, resistência e promoção da diversidade, condição essencial para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e plural.

É nesse horizonte que se insere a análise das potencialidades da literatura infantojuvenil de Júlio Emílio Braz no contexto educacional brasileiro. Tal análise se revela fundamental para problematizar os processos históricos de silenciamento e marginalização das culturas africanas, ao mesmo tempo em que propiciam a abertura de espaços de resistência e valorização no ambiente escolar.

A metodologia adotada fundamentou-se na análise literária do conto *Sikulume*, tomando como referência a noção de materialidade da impressão proposta por Roger Chartier (1990, 2014) e as reflexões sobre a oralidade africana desenvolvidas por Finnegan (2016). O percurso metodológico envolveu a leitura crítica da obra, a identificação de elementos culturais de matriz africana e a reflexão sobre suas potencialidades no âmbito escolar. Nesse processo, destacaram-se a centralidade da oralidade, a valorização dos saberes ancestrais, o papel da coletividade e os valores comunitários como princípios estruturantes das cosmovisões africanas.

Dessa forma, o artigo está organizado em três seções. Na primeira, discute-se a literatura negra e o conjunto de autores que abordam a literatura infantojuvenil de temática africana, com ênfase na relevância da Lei 10.639/03 como instrumento legal para a valorização da cultura afro-brasileira no espaço escolar. A segunda seção concentra-se na trajetória literária de Júlio Emílio Braz, ressaltando seu compromisso com a identidade negra e sua contribuição para a literatura infanto-juvenil. Por fim, a terceira seção dedica-se à apresentação, da obra *Sikulume e outros contos africanos*, com ênfase na análise do conto *Sikulume*, no qual o autor reelabora narrativas orais africanas, evidenciando como a passagem da oralidade à escrita possibilita, simultaneamente, a preservação da memória cultural e a introdução de saberes africanos no contexto educacional.

2 A LITERATURA NEGRA INFANTOJUVENIL COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

Falar de literatura negra no Brasil é falar de um campo em constante disputa por espaço, legitimidade e reconhecimento. A palavra, quando atravessada pela experiência negra, ultrapassa o registro estético e torna-se memória, resistência e anúncio de novas possibilidades de futuro. Nesse sentido, ao narrar histórias, a literatura negra desafia o apagamento histórico e se constitui como ato político que reescreve páginas silenciadas pela tradição eurocêntrica, ao mesmo tempo em que projeta outras formas de existência e pertencimento.

Como lembra Cuti (2010), a literatura negra não se define apenas pela cor da pele do autor, mas pela enunciação que emerge de uma experiência marcada pelo enfrentamento ao racismo estrutural e pela busca de reconhecimento social e cultural. Essa perspectiva desloca a produção literária de um exercício meramente estético para um território de luta, em que a palavra assume dimensões de memória, identidade e futuro.

Na infância, a presença da literatura negra torna-se ainda mais essencial, pois é nesse período que se formam referências, imaginários e valores. A ausência de representações positivas ou a restrição da presença a papéis estereotipados nas narrativas infantis e juvenis contribui para que a criança negra internalize categorias sociais de forma silenciosa. Refletir sobre a literatura negra infantojuvenil é, portanto, enfrentar o silêncio histórico que relegou povos africanos e afrodescendentes à margem da narrativa oficial. A literatura não pode ser dissociada das lutas políticas e epistêmicas, configurando-se como espaço de insurgência contra o “racismo epistêmico” que naturalizou a superioridade da matriz euro-ocidental. Cuti (2010) afirma que:

A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros, lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado. (Cuti, 2010, p. 13).

Nesse horizonte, a literatura infantojuvenil negra constitui-se como lugar de resistência e reexistência diante das violências históricas impostas pela escravidão e pelo racismo estrutural. Autores como Júlio Emílio Braz, Heloísa Pires Lima, Kiusam de Oliveira e Rogério Andrade Barbosa e tantos outros autores oferecem às crianças negras personagens protagonistas, mitos africanos revisitados e histórias que valorizam a diversidade cultural brasileira, possibilitando novas formas de pertencimento.

A Lei 10.639/03, ao tornar obrigatória a inclusão da História e Cultura Africanas, Afro-Brasileira e Indígenas nos currículos escolares, representa um marco civilizatório. Ao responder às reivindicações históricas do movimento negro, abriu caminho para que a literatura se tornasse recurso pedagógico privilegiado na valorização das identidades negras e no resgate das matrizes africanas. No entanto, sua efetividade depende que não se limite a uma formalidade burocrática, mas promova mudanças de fato na concepção de educação e de literatura.

A literatura negra infantojuvenil, nesse contexto, amplia o cânone e questiona os limites de uma tradição que, por muito tempo, ignorou a pluralidade cultural do país. Incorporada às práticas escolares, deixa de ser apenas expressão artística para se tornar também ferramenta de emancipação, capaz de transformar olhares e preparar um futuro menos desigual. Como lembra Cuti (2010), trata-se de uma tomada de posição uma enunciação que recusa o desligamento e presenças.

Reconhecer a força das africanidades na literatura é também reconhecer uma pedagogia da memória e da ancestralidade, capaz de orientar a infância em direção à dignidade, ao reconhecimento e à valorização de si. Assim, a literatura e a Lei 10.639/03 se encontram na tarefa comum de garantir o direito à memória e à história. Narrativas como as de Heloísa Pires Lima e de outros autores afrodescendentes permitem que crianças negras se reflitam nas histórias e que crianças não negras ampliem seus horizontes de humanidade.

Como destacam Alcanfor e Basso (2024), essa produção literária apresenta às crianças e jovens outros repertórios culturais, outros futuros presentes que questionam os regimes de verdade mantidos pelo colonialismo, abalando fronteiras epistêmicas e fazendo emergir sujeitos, povos e culturas considerados sem História.

Mais do que uma exigência legal, trata-se de um compromisso ético, oferecer às novas gerações um imaginário plural, em que uma infância negra não seja marcada pelo silêncio, mas pela potência criadora da memória e da ancestralidade.

A história da literatura infantil brasileira ajuda a compreender esse processo. Desde suas origens, esteve atravessada por esforço entre projeto pedagógico e expressão artística. Lajolo e Zilberman (2007) mostram que, no final do século XIX e início do XX, a produção para crianças serviu, em grande medida, a propósitos moralizantes e nacionalistas, deixando em segundo plano a diversidade cultural. Jovino (2006) explica que:

[...] os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. As histórias dessa época, no contexto de uma sociedade recém-saída da escravidão, **buscavam evidenciar a condição subalterna do negro**. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos,

sua cultura, enfim, sua história, fossem **retratados de modo positivo** (Jovino, 2006, p. 187).

A partir dos anos 1970, a literatura infantojuvenil brasileira começou a tematizar a desigualdade, a marginalização e a injustiça social, criando condições para discutir o racismo e a exclusão. Segundo Jovino (2017, p. 4-5) é nesse momento que

[...] surge no cenário brasileiro uma literatura comprometida com uma representação mais realista (mas não menos estereotipada) e, por vezes, violenta da vida social. O resultado seria um esforço programado, calculado para abordar temas até então considerados tabus ou impróprios para o público infantil e adolescente como, por exemplo, o preconceito racial contra o negro.

Obras como *Histórias da Preta* (1998) de Heloísa Pires Lima, assumem uma função transformadora ao afirmar a riqueza das muitas Áfricas, abrindo espaço para narrativas que fortalecem a identidade negra.

Nesse cenário, a lei convoca a escola a rever bibliotecas, programas de leitura e escolhas didáticas, para que a literatura negra e africana se torne parte viva da formação dos estudantes. É nesse ponto que a reflexão de Magda Soares sobre a escolarização da literatura se mostra pertinente. A autora lembra que:

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar a saber escolar, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. Disse em tese porque, na prática, na realidade escolar essa escolarização acaba por adquirir, sim, sentido negativo, pela maneira como ela se tem realizado, no cotidiano da escola. Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (Soares, 1999, p. 21-22).

A advertência é crucial, de pouco adianta a presença de textos de temática africana nos manuais escolares se eles forem utilizados apenas como pretexto para exercícios de gramática, fragmentados em pseudotextos ou esvaziados de sua dimensão estética. Quando a leitura literária é reduzida a tarefa, perde-se aquilo que lhe é essencial, a capacidade de provocar prazer, de estimular a imaginação e de abrir horizontes críticos.

Assim, discutir literatura negra e infantojuvenil de temática africana à luz da Lei 10.639/03 exige também repensar o modo como a escola se apropria da literatura. Nilma Lino Gomes (2020, p. 232) afirma que “a colonialidade se enraíza nos currículos quando disponibilizamos aos discentes leituras coloniais do mundo”. Mais do que cumprir uma

determinação legal, trata-se de criar condições para que a leitura seja uma experiência transformadora, que ajude a criança a construir não apenas competências linguísticas, mas também consciência histórica, sensibilidade estética e identidade cultural. Para Souza, (2005, p.1), “a leitura da literatura infanto-juvenil pode contribuir com a promoção da igualdade étnico-racial em ambientes educativos”.

3 JÚLIO EMÍLIO BRAZ: TRAJETÓRIA, IDENTIDADE NEGRA E LITERATURA INFANTOJUVENIL

Júlio Emílio Braz nasceu em 1959, em Manhumirim, Minas Gerais, uma região da Serra do Caparaó, na divisa com o Espírito Santo. Sua infância foi marcada por dificuldades, especialmente quando se mudou, por volta dos cinco anos, para uma favela do Rio de Janeiro conhecida como Complexo da Maré e foi nesse ambiente desafiador que ele começou a desenvolver uma consciência mais clara de si mesmo, passando a se reconhecer como um ser individual, com pensamentos, sentimentos e identidade própria. Diante de tantas dificuldades, buscou uma forma de enfrentar essa realidade, e a única possibilidade que encontrou foi a de sonhar. Nos livros, descobriu um refúgio, uma maneira de escapar e alimentar seus sonhos. Com incentivo de sua mãe, que às vezes conseguia comprar alguns livros para ele e para sua irmã, e de sua tia Geralda, que lhe trazia livros descartados pelos patrões da casa onde trabalhava, foi crucial para despertar seu amor pela leitura.

Aos 15 anos de idade, Júlio Emílio Braz dirigiu a um editor sua primeira história policial que escreveu em dois cadernos para publicação, mas teve a primeira de várias recusas que enfrentaria ao longo do tempo. Nos cinco anos seguintes, antes de se consagrar como escritor, exerceu diversas profissões, como office boy, balconista de supermercado e auxiliar de contabilidade e tinha deixado de lado a ideia de ser um escritor. Após perder o emprego e obrigado a largar a faculdade de História, um amigo de seu irmão Marcelo, que trabalhava para uma editora, trouxe para ele a ideia de ir até a editora e mostrar as histórias já produzidas.

A trajetória literária de Júlio Emílio Braz teve início em 1981, quando sua história em quadrinhos *Jesuíno Boamorte* foi publicada na revista *Spektro*. A princípio, o editor pretendia incluir apenas um de seus personagens em uma única edição, desde que o autor aceitasse fazer algumas alterações no enredo. No entanto, contrariando as expectativas, uma narrativa que retrata a volta de um português do além para se vingar de seus algozes holandeses, conquistou os leitores e se tornou a favorita do público.

Esse sucesso inesperado marcou o início promissor da carreira de Júlio Emílio Braz como escritor. Ele também atuou como roteirista de programas televisivos escrevendo *sketches* de humor para o programa Os Trapalhões (TV Globo) e uma telenovela para uma emissora do Paraguai.

Em 1989, alcançou um marco importante ao receber o Prêmio Jabuti na categoria de Autor Revelação com seu primeiro livro infanto-juvenil, *Saguairu* que narra o duelo entre um indígena e um lobo-guará. Esse reconhecimento o incentivou a abandonar os roteiros de histórias em quadrinhos (HQs) e sua colaboração em *Os Trapalhões*, dedicando-se integralmente à literatura infantojuvenil.

Logo em seguida, Júlio Emílio Braz recebeu outras premiações importantes como o Austrian Children Book Award (1997); Blue Cobra Award (1997) concedido pelo Swiss Children's Book Institute pela versão alemã de Crianças na Escuridão. Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, incluindo inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e dinamarquês, demonstrando o alcance e o impacto de sua literatura. Entre suas obras mais notáveis, destacam-se *Saguairu* (1989), *Crianças na Escuridão* (1991), *A Felicidade Não Tem Cor* (1994), *Pretinha, Eu?* (1997). Sua produção literária é ampla, diversa e marcada pela riqueza de estilos que foi sendo aperfeiçoada ao longo de sua carreira, resultando em obras profundamente significativas para a literatura infantil e juvenil brasileira.

Contudo, é importante ressaltar que, durante parte de sua vida, Júlio Emílio Braz não se reconhecia como negro. Esse reconhecimento e a assunção de sua identidade negra ocorreram apenas mais tarde, influenciando diretamente sua escrita e a forma como passou a valorizar e representar a negritude em suas obras. Sua literatura passou a destacar de maneira consciente a valorização da identidade negra e da cultura afrodescendente. Suas histórias celebram a ancestralidade africana, dão voz às experiências da população negra no Brasil e oferecem representatividade, fortalecendo a autoestima e o senso de pertencimento dos leitores negros.

Como afirma Júlio Emílio Braz em entrevista à Revista Literafro⁴, “a primeira coisa que você tem que fazer ao lidar com uma criança afrodescendente não é nem ensinar matemática e escrever, não. É autoestima”. Quando culturas marginalizadas são valorizadas, ou seja, quando veem sua identidade, cultura, história e experiências refletidas de forma positiva na educação, na mídia, na literatura e na sociedade, os impactos na autoestima e no desenvolvimento pessoal tornam-se profundos e transformadores.

⁴ Entrevista concedida por Júlio Emílio Braz para a Revista Literafro em novembro de 2019. Disponível em [Entrevista com Júlio Emílio Braz](#)

Como destaca Cândido (2011, p. 16), “a literatura é um dos instrumentos mais poderosos de humanização”, sendo, portanto, um meio privilegiado para o contato com narrativas que expressam a multiplicidade dos povos africanos e suas heranças culturais no Brasil. A análise dessas obras possibilita o reconhecimento e a preservação de culturas plurais e diversas, essenciais para a formação de professores comprometidos com práticas pedagógicas críticas, alinhadas às questões de identidade, representatividade e resistência cultural.

Nesse contexto, a literatura infantojuvenil configura-se como uma ferramenta fundamental para a promoção de uma educação antirracista e decolonial, que, segundo Munanga (2005, p. 16), “não se limita a denunciar o racismo, mas propõe a valorização da identidades negras e africanas”. Conforme afirma Gomes (2017, p. 25), “a escola é um espaço privilegiado para a valorização das culturas africanas e afro-brasileiras, mas para isso é necessário que os professores estejam preparados para enfrentar o desafio de uma educação antirracista”.

Ao longo de sua trajetória como escritor, Júlio Emílio Braz escreveu várias obras e, entre as localizadas no processo de catalogação apresentado neste artigo, foram identificadas 159 títulos.

Tabela 1 - Catalogação dos títulos de Júlio Emílio Braz

Títulos	Ilustrador(a)	Ano	Editora
Coisas da Vida	Fernando Pisani	1970	Ao livro técnico
Saguairu	Neyd Citrangolo	1989	Atual
Uma Pequena História de Natal	Marcelo Bicalho	1989	Atual
Luíz Gama, de escravo a libertador	Fernando Lopes	1991	FTD
Pivete	Rui de oliveira	1991	Editores do Brasil
Crianças na escuridão	São Pedro	1991	Moderna
A História de Lalo	Luis Trimano	1992	Ao livro técnico
Abra-te, Sésamo	Rogério Borges	1992	FTD
Enquanto houver vida viverei	Rogério Borges	1992	FTD
Anjos no aquário	Débora Camisasca	1992	Atual
Só entre nós	Alexandre Rampazo	1992	Saraiva
Depois que papai se foi	—————	1993	FTD
Numa véspera de Natal	Osnei	1993	Moderna

O caça homens	—————	1993	BLC
Algum Lugar, Lugar Nenhum	—————	1993	Ao livro técnico
A coragem de mudar	Rogério Borges	1993	FTD
Papai Noel de Montão	Marcia Ponce de Leon	1993	Ao livro técnico
Pra Que Serve um Papai Noel?	Marcelo Polo Rezende	1993	FTD
Breve Crônica de Liberdade	Marcia Ponce de Leon	1994	Ao livro técnico
Felicidade não tem cor	Odilon Moraes	1994	Moderna
Liberteiros: a Luta Abolicionista no Ceará	—————	1994	FTD
Meu Círio de Nazaré	Carlos Edgard Herrero	1994	FTD
Na selva do asfalto	Studio Zig Zag	1994	Moderna
Os bons de bola	Ricardo Giroto, Luiz Carlo Fernandes	1994	FTD
Sujo! Corrupção no brasil	—————	1994	FTD
Um certo kobayashi Maru	Patricia Martins	1994	FTD
Um sonho dentro de mim	Roger de Mello	1995	Moderna
Avião: Tráfico de drogas	TRJ Estúdio Gráfico	1995	FTD
Céu vermelho	Carlos Chagas	1995	Ao livro Técnico
A rua do terror	Odilon Moraes	1995	Atual
Rua 46	Sérgio Palmiro	1995	Saraiva
Meu pai, meu heroi e seus heróis	Dilma Marangoni Ruschi.	1995	Editora do Brasil
Megalópolis	Marcia Ponce de Leon	1995	Ao Livro Técnico
Um conto de fim de mundo	Rogério Borges	1995	FTD
Asimov e os perseguidores da lua	—————	1996	FTD
Famaliá	Fernando Pisani	1996	Ao livro técnico
O mexicano	Getulio Delphin	1996	Scipione
A história azul	Eduardo C. Pereira	1996	Paulinas
A serpente cintilante	Roberto Melo	1997	Ave-Maria
O herdeiro de aranda	Carlos Chagas	1997	Saraiva
O mistério do homem amarelo	Virgílio Velozo	1997	Lê
Policarpo dos céus inatingíveis	Wagner Fernandes	1997	AM Edições

Pretinha, Eu?	Renato Alarcão	1997	Scipione
Sol ardente	Renato Alarcão	1997	Atual
Ora pro Nobis	Carlos Chagas	1998	Ao Livro Técnico
História de pai e filho	Ignez de Castro	1998	Ícone
Longas cartas para ninguém	Renato Alarcão	1998	Ediouro
Algo selvagem	Hermann Huppen	1998	Ave-Maria
Dever de casa	Carlos Urbim	1998	Ícone
Aprendendo a viver	Rogério Borges	1999	Saraiva
Tantos natais	Renato Alarcão	1999	Paulinas
Zumbi, o despertar da liberdade	Rogério Borges	1999	FTD
Os papéis de lucas	Fabio Ventura	2000	Ediouro
Cenas urbanas	Rogério Borges	2000	Scipione
Infâncias roubadas	Maurício Negro	2000	FTD
Memórias de uma bola de natal	Odilon Morães	2000	Paulinas
Na cor da Pele	Rogério Borges	2000	J. Olympio
Perdidamente	Rogério Borges	2000	FTD
Pollyanna	Dorotéia Vale	2001	Scipione
Bença, Mãe	Graça Lima	2001	Moderna
Lendas negras	Salmo Dansa	2001	FTD
Quem me dera ser feliz	Rogério Borges	2001	Editora do Brasil
Noites em claro	Rogério Borges	2001	Santa Clara Editora
O riacho	Salmo Dansa	2001	FTD
Contando estrelas	Rogério Borges	2001	Ave-Maria
Na própria carne	Jótah	2002	Piá
O grande dilema de um pequeno Jesus	Jótah	2002	Razão Cultural
O olhar azul	Rogério Borges	2002	FTD
O senhor rápido e a manhã maravilhosa	Rogério Borges	2002	Ícone
Carolina e a ostra	Melissa Guimarães	2003	Scipione
Cangaço: a guerra no sertão da república	Wanderley Loconte	2003	Saraiva
Cinderela	Salmo Dansa	2003	FTD
João Ferrugem	Salmo Dansa	2003	FTD

João e Maria	Salmo Dansa	2003	FTD
O blog de Marina	César Landucci e Renato Moriconi	2003	Saraiva
Voo cego	Victor Tavares	2003	Zeus
O Muro	Ricardo Girotto	2003	Paulinas
Rapunzel	Salmo Dansa	2003	FTD
Uma presente para toda vida	Sandra Guarilha	2003	Franco
Romeu e Julieta um romance de terceira idade	P. Luiz Marasco	2003	Piá
A menina que tinha o céu na boca	Ivan Zigg	2004	Difusão Cultural do Livro
A gota, uma biografia bem apressada	Marília Pirillo	2004	Cassol
As aventuras de Pedro Malasartes	Pierre Trabbold	2004	Cortez
Gabriel e a grande árvore	Rogério Borges	2004	Piá
Bilhetinho	Dayse Startari	2004	Saraiva
Um garoto consumista da roça	Roberto Negreiros	2004	Scipione
Lendas da África	Maurício Veneza	2005	Bertrand Brasil
Sikulume e outros contos africanos	Luciana Justiniani	2005	Pallas
Chapeuzinho vermelho	Salmo Dansa	2005	Scipione
Desprezados F.C	Maurício Veneza	2005	Saraiva
Os músicos de Bremen	Salmo Dansa	2005	Scipione
Esperando Os cabeças amarelas	Paulo Borges	2005	Arxjovem
O sapo e a princesa	Salmo Dansa	2005	Scipione
A galinha dos ovos de ouro	Salmo Dansa	2005	Scipione
Três aventuras	Angelo Abu	2006	Atual
Policarpo dos céus inatingíveis	Andréia Resende	2006	Paulus
Memória de um país distante	_____	2006	Moderna
Devo chorar, Maurício	Salmo Dansa	2006	Larousse Jovem
A voz de quem te ama	Rogério Borges	2006	FTD
Um fim de semana muito louco	_____	2006	ArxJovem
Se eu fosse feliz	Salmo Dansa	2007	Larousse Jovem
Os zebras e os poucas sombras	Walter Júnior	2007	FTD
Vovô e pacífico	Marcelo Garcia	2007	Duna Dueto

A mulher que lia com as mãos	Vladimir Calado	2007	Zit
Bela	Edu	2007	Paulinas
Corrupto	Dave Santana e Maurício Paraguassu	2007	Larousse Jovem
Dona gorda memória recentes de uma nuvem de fumaça	Salmo Dansa	2007	Biruta
Janaína	Rogério Soud	2007	Salesiana
Olhando para o outro lado	Andréia Resende	2007	Paulus
A procura de um emprego	Robertos Negreiros	2008	Editora Positivo
Confissões de Virgínia	Janaina Tokitaka	2008	FTD
Aparência e outras cenas do cotidiano	Pat Lobo	2008	Pallas
Carlos Portanova e seu tio voador	—————	2008	Roda & Cia
Contos de arrepiar	Ney Megale	2008	Imperial Novo Milênio
História de ar	Salmo Dansa	2008	Salesiana
Histórias maravilhosas de povos felizes	Salmo Dansa	2008	Escala educacional
Um dragão chamado João	Carlos Jorge	2008	Franco
Vida de brinquedo	Simone Matias	2008	Paulus
Uma pequena lição de liberdade	Rubem Filho	2009	Mundo Mirim
Coppelias a menina dos olhos esmaltes	Alexandre Rampazo	2009	Salesiana
Não é o fim do mundo	Marcos Guilherme	2009	FTD
Coisas que a gente gostaria de dizer	Ana raquel	2009	Zit
Crônicas urbanas, onde foram parar as boas pessoas	Coruja	2009	Larousse Jovem
Bem-vindos a Animal City	Jefferson Galdino	2009	Noovha América
Em busca de Babilônia	Nathália Catarino	2009	Imperial Novo Milênio
Em festa de canibal, pizza não é legal	Mozart Couto	2009	Imperial Novo Milênio
Geraldo e fadinha do pum	Maurício Veneza	2009	Rovelle
Uma ratinha apaixonada	Maurício Veneza	2010	Editora Positivo
Minhas férias	—————	2010	Meia Lua
Moçambique	Cárcamo	2011	Moderna

Meu primeiro amor	Salmo Dansa	2011	Scipione
Os dedos	Denise Rochael	2011	Franco
Fala comigo, pai	Maurício Negro	2011	Rovelle
Giselle	Nilton Bueno	2011	Salesiana
João e o pé de feijão	Salmo Dansa	2011	Iarousse jovem
O sapo e o poço	Jean Claude R. Alphen	2011	Paulinas
O universo é um pequeno espaço entre nós	—————	2011	Biblioteca 24h
Griot história que ouvimos na África	Mozart Couto	2012	Melhoramentos
A cidade que não queria o trem	Mozart Couto	2012	Mazza
As abotoaduras do gigante	Mozart Couto	2012	Cortez
Jovem naufragos e suas batalhas	Dave Santana	2012	Global Editora
Cinco fábulas da África	Gustavo Damiani	2013	Ogro
O dinossauro dentuço que comia cenoura	Jean Claude R. Alphen	2013	DeLeitura
Ngorá e a criação dos bichos	Michelle Behar	2014	Duna Dueto
Kuery	Weberson Santiago	2014	Moderna
Como se fossemos invisíveis	Thaís Mesquita	2014	Fino Traço
Era uma vez um balão	Jean Claude R. Alphen	2014	Duna Dueto
Maria a incorrigível	Rogério Soud	2014	Paulinas
Um encontro com liberdade	Roberto Weigand	2016	Editora do Brasil
As horripilantes narrativas alimentares do clube canibal	—————	2017	Devir
Um cachorro chamado Roberto	Marília Pirillo	2019	Estrela cultural
Epaminondas goiabeira e a máquina da felicidade	Raquel Matsushita	2020	Oficina Raquel
Estrelas	Clara Zúñiga	2021	Oficina Raquel
A quase grande guerra do pudim de natal	Jack Azulita	2021	Serena
Ovelhinhas	Leonardo Malavazzi	2021	Mostarda
Chama o sol, Matias	Camilo Martins	2022	Oficina Raquel
Na ponta de meus dedos	Rogério Soud	2023	Saberes e Letras
Debaixo da via láctea	Ana Paula Franzoni	2023	Editora do Brasil
Nhandervuçu e Kayuá	Eliane Lamoglia	2025	Black Bird

Fonte: elaborado pelo autor.

4 DA ORALIDADE À LITERATURA: UMA ANÁLISE DE *SIKULUME E OUTROS CONTOS AFRICANOS*

A obra *Sikulume e outros contos africanos*, adaptada por Júlio Emílio Braz e ilustrada por Luciana Justiniani, é um marco na literatura infantojuvenil brasileira ao traduzir para o formato escrito e ilustrado a riqueza simbólica, filosófica e estética da tradição oral africana. Publicada na sua primeira edição pela Editora Pallas em 2005⁵, o livro contém 64 páginas que reúne sete contos tradicionais oriundos do continente africano. A coleção desses contos explora temas ligados à origem do mundo, transformação e valores humanos, por meio de narrativas simbólicas e repletas de ensinamentos. No primeiro conto *Por que o Sol e a Lua foram morar no céu*, descobrimos como a água fez a lua e o sol morarem no céu; no segundo *A origem da morte* vemos como uma lebre atrapalhada alterou o destino dos homens; no terceiro *A história da menina que não respeitou a tradição Ntonjane e o que aconteceu com ela*, sabemos o que aconteceu com a neta desobediente do chefe da tribo Ntonjane; no quarto conto *Sikulume*, temos a história que dá título ao livro e que é o nosso conto de análise, o filho rejeitado que depois de grandes conquistas se torna o herói de sua tribo; no quinto conto *A mãe canibal e seus filhos*, temos duas crianças que vivem com o avô e decidem que querem conhecer os pais mesmo sabendo que sua mãe é canibal; o sexto conto *A história de Mbulukazi*, nos apresenta a história de uma mulher que não é amada pelo marido porque não tem filhos até que magicamente ela se torna mãe e muda a sua história; por fim temos *O grande chefe dos animais*, a história de uma mãe que enfrentou um terrível monstro para salvar seus filhos e assim acabou por salvar muitas outras pessoas que unidas formaram uma das maiores nações do mundo.

À exceção de *Por que o sol e a lua foram morar no céu*, originário da Nigéria, todos os contos que compõem esta compilação pertencem à tradição da tribo Kaffir, situada na África do Sul. Cada narrativa aborda temas universais como coragem, amor, maternidade, morte e superação, mas o autor os apresenta através de linguagens poéticas e performáticas, ancoradas na coletividade e na oralidade africana.

A obra se inicia com uma epígrafe do provérbio africano “O sol de ontem pode ter se posto, mas sua luz iluminará os dias que virão” (Braz, 2009, p.5), que resume a ideia central da obra: O passado ancestral continua iluminando o presente. De acordo com Antonacci (2016) as práticas culturais e memórias orais de povos em diáspora atuam como uma força viva que perpetua suas tradições e resistências, transmitindo de geração em geração um legado que

⁵ Para a nossa análise utilizamos a 2ª edição de 2009.

permanece presente e iluminando o cotidiano atual dessas comunidades. Essa herança cultural é também evidenciada na dedicatória de Júlio Emílio Braz a Rogério Andrade Barbosa, reconhecido por sua atuação na divulgação da temática africana no Brasil, destacando a transmissão geracional do conhecimento por meio da oralidade.

Nesse sentido, a obra não é apenas uma coletânea de contos, mas um dispositivo pedagógico e cultural que contribui para a construção de novas formas de pertencimento e identidade. Ao circular nas escolas, sobretudo amparada pela Lei 10.639/03, *Sikulume e outros contos africanos* participa ativamente das disputas simbólicas sobre memória e representação, reposicionando a cultura africana no espaço escolar, tradicionalmente marcado por referências eurocêntricas.

A estética da capa do livro revela com força sua intencionalidade artística, pedagógica e política. Criada por Luciana Justiniani, a ilustradora optou por uma representação visual impactante e simbólica. Em uma troca de email entre o pesquisador e a ilustradora, Justiniani nos contou que *Sikulume* foi o primeiro livro de contos que ilustrou. Consciente da diversidade cultural do continente africano (pois morou por 10 anos em Moçambique), escolheu trabalhar com figuras humanas em preto sobre fundo branco, evitando a inserção de elementos culturais específicos para enfatizar a silhueta e a expressividade das figuras. Essa decisão estética reflete uma opção deliberada por um traço limpo e forte, com uso de tinta-da-china, técnica com a qual a artista tem grande familiaridade e apreço. A editora Pallas propôs o uso de duas cores, e a artista escolheu o preto e o laranja (além do branco do papel), criando um contraste vibrante que contribui para a potência visual da capa⁶.

⁶ As informações referentes à ilustração foram coletadas por meio de email trocado entre o autor e a ilustradora Luciana Justiniani, à qual agradecemos imensamente a gentileza e disponibilidade em nos retornar.

Imagem 1 - Capa de Sikulume e outros contos africanos



Fonte: acervo pessoal do autor

As figuras retratadas na capa são os canibais do conto Sikulume, que dá nome ao livro. Para representar esses personagens vorazes, Justiniani os imaginou com dentes refinados, cabelos desgrenhados, evocando a imagem de bruxas mais presentes em várias tradições orais e unhas ou garras afiadas, acentuando sua natureza ameaçadora e mítica. Em uma das ilustrações do interior do livro, no momento em que os canibais se devoram entre si, a artista se modernizou nas esculturas de madeira moçambicanas que representam figuras entrelaçadas, reforçando visualmente o entrelaçamento simbólico entre violência, tradição, coletividade e oralidade, como podemos observar na imagem 2.

Imagem 2 - Os canibais se devorando



Fonte: acervo pessoal do autor

Ao integrar essa obra ao currículo do Ensino Fundamental II, por meio da Coleção Biblioteca Afro-Brasileira⁷, o projeto editorial propõe um reposicionamento simbólico da cultura africana no espaço escolar. Um gesto político de reconfiguração do cânone escolar, a obra, nesse sentido, não é apenas material didático, mas instrumento de disputa de sentidos e reconfiguração da memória coletiva. Como afirma Chartier (1991), os livros não têm um sentido em si mesmos, seu valor emerge das formas de apropriação pelos leitores. Ao apresentar uma estética narrativa que foge dos moldes convencionais da literatura infantil eurocêntrica, Sikulume não apenas oferece novas formas de ler e interpretar o mundo, como também promove o deslocamento dos leitores de seus repertórios colonizados. A obra desafia, assim, concepções tradicionais sobre o que é conhecimento legítimo, inserindo a filosofia africana como parte constitutiva da formação cultural brasileira.

A partir de pesquisas realizadas com o objetivo de aprofundar as informações sobre a origem desses contos, encontramos a publicação *Folklore Kaffir (Xhosa)* (1886) de George McCall Theal⁸. Segundo nota informativa, trata-se de uma coletânea de contos populares do povo Xhosa, da África do Sul. Ao cotejarmos as duas obras, observamos que todos os recontos de Braz — com exceção de *A origem da morte* — estão compendiados na obra de Theal.

No prefácio de *Folklore Kaffir*, datado de janeiro de 1882, Theal (1886) comenta a obra e explica o processo de catalogação dos contos. Ele destaca que as histórias foram recolhidas diretamente de membros da tribo Amaxhosa, sendo registradas com o objetivo de preservar e documentar as tradições orais desse povo. Theal enfatiza que procurou manter os relatos o mais próximo possível de sua forma original, mesmo reconhecendo as limitações impostas pela tradução e pela mediação cultural. Seu interesse, segundo afirma, era tanto etnográfico quanto histórico, buscando oferecer aos leitores europeus uma visão das crenças, valores e modos de vida dos chamados “cafres”⁹ da África do Sul.

⁷ Na contracapa do livro, destaca-se a seguinte descrição da coleção: “A Biblioteca Afro-Brasileira foi criada com o objetivo de apresentar referências históricas e culturais sobre as nações negras que povoaram o Brasil e que tanto contribuíram para a formação de nosso país. [...] Os livros desta coleção mostram a riqueza literária, artística, musical e política que herdamos dos negros africanos e de seus descendentes. Além disso, a coleção inclui títulos que destacam a valiosa atuação de personalidades negras na história brasileira recente e a atuação de importantes personalidades negras no cenário internacional” (Braz, 2009).

⁸ A obra foi localizada no site <https://sacred-texts.com/afr/xft/index.htm>. George McCall Theal nasceu no Canadá em 11 de abril de 1837 e faleceu em 17 de abril de 1919, em Wynberg, Cidade do Cabo, na África do Sul. Atuou como historiador, arquivista e genealogista. Sua carreira como historiador teve início com a publicação do *Compêndio de História e Geografia da África do Sul*, em 1873. Como missionário protestante, Theal acreditava que era dever do homem branco civilizado resgatar o homem negro da ignorância e da barbárie. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/George_McCall_Theal. Acesso em: 13 jun. 2025.

⁹ No capítulo introdutório sobre os cafres, Theal (1886) explica a origem e o uso do termo da seguinte forma: Na África do Sul, a palavra ‘cafre’ é frequentemente usada de forma genérica para designar qualquer nativo negro que não seja descendente de um escravo importado, mas, na fronteira leste da Colônia do Cabo, o termo geralmente se restringe a um membro da tribo Amaxosa. É de indivíduos dessa tribo que as seguintes histórias foram coletadas.

É necessário dizer algumas palavras sobre o cuidado que foi tomado para não incluir absolutamente nenhuma frase em nenhum desses contos que não tenha vindo de fontes nativas. A maioria deles foi obtida de pelo menos dez ou doze indivíduos residentes em diferentes partes do país, e todos passaram por uma revisão completa por um círculo de nativos. Não foram apenas contados por nativos, mas também copiados por nativos. Apenas as notas são minhas. Dirigi o trabalho de outros, mas eu mesmo não fiz nada além do necessário para explicar o texto. Para isso, posso afirmar que sou qualificado por um conhecimento íntimo do povo Cafre, adquirido por meio do convívio com eles durante um período de vinte anos, e enquanto ocupava cargos entre eles que variavam de professor de missão a magistrado de fronteira. Muitos dos contos reunidos neste livro já foram publicados em vários jornais e revistas sul-africanos, alguns já em 1874. A publicação estava prevista para um volume que seria editado pela Lovedale Missionary Institution, e a primeira página já estava impressa quando ocorreram os distúrbios de 1877. Fui então chamado para realizar um trabalho de natureza muito diferente, e a publicação foi necessariamente suspensa. O livro está agora disponível, na esperança de que possa ser útil, lançando luz sobre o modo de vida de um povo que difere de nós em muitos aspectos, além do grau de civilização (Theal, 1886).

George McCall Theal, assim como a maioria dos missionários e viajantes do século XIX que estiveram no continente africano, define o povo cafre como composto por tribos incivilizadas, mas que despertam grande interesse entre aqueles que se dedicam ao estudo da humanidade. Para ele, as histórias desse povo são fundamentais para compreender seu modo de vida, pois “demonstram suas faculdades imaginativas; são guias para a natureza da crença religiosa, da forma de governo, dos costumes matrimoniais, enfim, de muito do que se relaciona tanto à vida interior quanto à exterior daqueles que as contam” (Theal, 1886).

O conto *Sikulume* e outros contos africanos evidencia diversos costumes, tradições e conhecimentos das culturas africanas, refletindo a riqueza e a diversidade do continente. Esses elementos incluem narrativas tradicionais, histórias de origem, mitos, lendas, rituais e práticas sociais, que revelam a ancestralidade, a religiosidade e a força das tradições orais africanas. Como observa Ruth Finnegan, 2016, p. 14 “A cultura oral da África Ocidental [...] é o solo fértil no qual os trabalhos de muitos escritores africanos contemporâneos estão firmemente enraizados. Eles devem à tradição oral temas, imagens, personagens, ritmos, expressões e outros elementos”.

Nas obras de Braz, destacam-se especialmente as lendas que retratam personagens míticos, deuses e entidades, representando forças da natureza e valores culturais específicos de diferentes povos africanos. *Sikulume* constitui uma rica peça da literatura oral africana, abordando temas universais como a jornada do herói, o triunfo da virtude sobre o mal e a importância da sabedoria ancestral, muitas vezes veiculada por figuras marginais ou subestimadas. O conto reforça a importância da oralidade na manutenção da identidade cultural

[...] Uma grande parte da África do Sul é ocupada por pessoas dessa raça. Ao longo de toda a costa leste, até o sul do rio Great Fish, o país é densamente povoado por tribos cafres.

e valorização de costumes, tradições e saberes africanos. Segundo Ribeiro (2019, p. 78), “o reconhecimento da diversidade cultural africana é imprescindível para romper com estereótipos que compuseram os povos africanos a imagens dinâmicas e negativas”, destacando o papel da literatura oral na preservação e valorização dessa diversidade.

Sikulume é uma narrativa de tradição oral africana que se inscreve no rico patrimônio das literaturas de língua portuguesa oriundas do continente africano, além da estrutura narrativa que valoriza a oralidade e a transmissão de valores comunitários. A história se organiza em torno da jornada heroica de um jovem desprezado que, através de sua coragem e determinação, transforma seu destino e o de sua comunidade, seguindo o padrão clássico do herói improvável presente em diversas tradições narrativas africanas.

A narrativa acompanha Sikulume, o oitavo e desprezado filho de um chefe tribal, que é constantemente humilhado pelo pai após a morte dos sete irmãos considerados superiores. A trama se desenvolve quando o jovem é enviado, junto com seis guerreiros, em uma missão para capturar sete pássaros que o pai acredita serem a reencarnação dos filhos mortos. Ambientada em uma aldeia no coração da floresta africana, a história conduz o protagonista através de uma série de provações que incluem o enfrentamento de canibais, a batalha contra o monstro Inabulele que havia devastado sua aldeia, e a perigosa conquista da filha de Mangangezulu. O conflito central articula-se em torno da necessidade de Sikulume provar seu valor diante de um pai que o rejeita e de uma comunidade que o subestima, transformando gradualmente o desprezo inicial em reconhecimento e admiração.

O conto explora temas fundamentais como a superação da rejeição familiar, a coragem diante do perigo, e a transformação do marginalizado em herói. A narrativa também aborda questões relacionadas à identidade, ao valor intrínseco do indivíduo para além das expectativas sociais, e ao poder redentor das ações heroicas. A presença de elementos mágicos como o manto encantado, as transformações operadas pela feiticeira, e os objetos mágicos utilizados pela amada, tudo isso confere à história uma dimensão mítica que dialoga com a cosmovisão africana tradicional. A relevância deste conto para a análise literária reside tanto na sua estrutura narrativa exemplar das tradições orais africanas quanto na sua abordagem universal do tema do herói desprezado que conquista seu lugar através da virtude e da perseverança, tornando-o uma peça significativa para a compreensão das dinâmicas culturais e dos valores transmitidos pelas narrativas tradicionais africanas.

A abertura do conto situa o leitor em um cenário fundamental para a compreensão das narrativas africanas: “Numa aldeia bem no meio da floresta, vivia um homem muito pobre e

muito, mas muito velho... Nunca havia visto pássaros como aqueles e, depois de algum tempo, correu para a aldeia em busca do chefe” (Braz, 2009, p. 20).

Esse ambiente não é meramente decorativo, mas estruturante da própria lógica narrativa. Como observa Ruth Finnegan (2016, p. 19), na literatura oral africana, “as descrições são, com frequência, muito limitadas” e funcionam “como ponto de partida ou como pano de fundo da ação para o herói”. A aldeia, portanto, representa mais que um lugar físico: simboliza o espaço de pertencimento comunitário, onde os valores coletivos são forjados e onde a sabedoria ancestral se manifesta através da observação da natureza.

A floresta, por sua vez, carrega a dimensão do mistério e do desconhecido que cerca a comunidade, elemento recorrente nas tradições orais que, segundo Finnegan (2016, p. 19), empregam o cenário “apenas para a apresentação exigida pela ação”, sem digressões desnecessárias. A referência aos pássaros nunca vistos introduz o elemento extraordinário que impulsiona a jornada do herói, característica típica das narrativas orais que mesclam o cotidiano e o maravilhoso.

A conduta de Sikulume, mesmo sendo considerado “o mais idiota” e desprezado pelo pai, enfrenta todos os desafios como a dos canibais, isso exemplifica princípios morais centrais das tradições africanas:

Assim que as sombras, que imediatamente supôs que fossem de canibais, saíram, o vigia acordou os companheiros e todos fugiram [...]. No meio do caminho, Sikulume parou e lembrou-se de que esquecera seu pássaro. - Vou voltar - disse, acrescentando tristemente: - Ou não terei como encarar meu pai novamente. Seu companheiro sentiram muita pena dele e um dos mais velho lhe ofereceu seu pássaro, pedindo: - fique com o meu, Sikulume. você não pode voltar para aquela cabana. Ela está cheia de canibais... Sikulume agradeceu, mas não aceitou, dizendo: Eu jamais poderia aceitar algo assim. O que preciso é apanhar o pássaro que capturei. (Braz, 2009, p. 24-26)

Esta recusa revela integridade moral e senso de responsabilidade que transcendem o interesse pessoal imediato. Mineke Schipper (2016, p. 15) argumenta que nas narrativas orais africanas “a função dos provérbios [...] é reforçar o argumento do autor, animar a história ou explicar alguma situação ou comportamento”. Embora não haja aqui um provérbio explícito, a atitude de Sikulume funciona como ensinamento incorporado à ação, onde a verdadeira riqueza não está nos bens materiais oferecidos, mas na honra e no cumprimento dos compromissos assumidos.

Sikulume constrói seu caráter não por descrições de suas virtudes, mas através de gestos concretos que demonstram coragem, ética e determinação.

O encontro com a velha sentada na pedra representa um momento crucial da narrativa:

“No caminho, encontrou uma velha sentada numa pedra que quis saber para onde ele ia. Sikulume lhe contou e ela lhe deu um pedaço de carne, recomendando: - Se os canibais correrem atrás de você, jogue esse pedaço de carne sobre uma pedra”. (Braz, 2009, p. 26)

Este episódio materializa o papel dos anciãos como portadores e transmissores do conhecimento ancestral. Alexandre von Saenger (2016, p. 51) explica que, na sabedoria bantu, “os velhos, que, na tradição banto, são a sombra dos ancestrais”, funcionam como intermediários entre o mundo visível e invisível, entre o presente e a memória coletiva do grupo.

A frase celebrizada por Amadou Hampâté Bâ ganha aqui dimensão concreta, quando um ancião transmite um conselho que salva a vida do protagonista, comprova-se aquilo que Bâ traz que Alexandre von Saenger (2016, p. 48) “na África, quando um velho morre, é uma biblioteca que se queima”, pois nele reside um saber prático e espiritual acumulado através de gerações.

O conselho da velha não é mero acaso, mas conhecimento testado pelo tempo e pela experiência coletiva, transmitido oralmente de geração em geração.

O confronto com os canibais representa o momento de maior tensão narrativa:

Sikulume correu. Correu muito. Correu em todas as direções possíveis e o mais que pôde. No entanto, para onde quer que fosse, encontrava os canibais e eles estavam cada vez mais próximos. Lembrando-se da recomendação da velha, atirou o pedaço de carne sobre uma pedra. Foi dito e feito. Assim que viu a carne, um dos canibais atirou-se sobre ela e a engoliu. Seus companheiros, ao verem-se privados de um pedaço que fosse, lançaram-se sobre ele e o devoraram, uns atirando-se sobre os outros, se mordendo, arranhando e brigando por mais e mais carne. (Braz, 2009, p. 27).

A repetição enfática “Correu muito. Correu em todas as direções possíveis e o mais que pôde” não é redundância estilística, mas recurso típico da oralidade. Como explica Louis-Jean Calvet (2016, p. 41), “os textos autenticamente orais são marcados por uma pontuação ritmada que facilita para o intérprete a memorização e para o público a compreensão”. A estrutura repetitiva intensifica dramaticamente o desespero de Sikulume e, ao mesmo tempo, facilita a memorização e a performance oral da história.

O momento em que Sikulume lembra-se da recomendação da velha representa mais que simples memória individual, demonstra a eficácia da transmissão oral do conhecimento e a importância de honrar os ensinamentos dos mais velhos. A sabedoria ancestral, transmitida pela palavra, torna-se instrumento concreto de salvação. Como observa Emilio Bonvini (2016, p. 5), “a comunicação oral se organiza a partir das limitações impostas pela presença de um público,

garantia daquilo que é proferido”, e aqui o público da narrativa testemunha a validação prática desse conhecimento transmitido.

A cena dos canibais devorando-se uns aos outros revela ainda uma compreensão moral profunda, a ganância e a falta de controle levam à autodestruição. Esta é uma lição transmitida através da imagem vívida, não de um sermão explícito, uma estratégia narrativa típica das tradições orais que, preferem mostrar através das ações dos personagens do que descrever diretamente suas características morais.

Após enfrentar inúmeros desafios e provar seu valor como guerreiro, Sikulume decide se casar com a filha de Mangangezulu, mesmo sendo alertado de que essa escolha poderia lhe custar a vida. Movido por coragem e determinação, ele segue em frente e conquista o amor da jovem, que retribui seu sentimento. No entanto, a mãe da moça, uma poderosa feiticeira, não aceita o relacionamento e resolve separá-los por meio de sua magia.

É nesse momento que, tomada pelo ciúme e pela raiva, ela pisa na pegada de Sikulume e lança um feitiço contra ele, transformando-o em um elande, um antílope africano de grande porte. “No mesmo momento, ela empurrou o elande até que o animal caísse dentro da fogueira. Diante dos olhos de todos, o elande transformou-se num pedaço de carvão, depois de queimar por certo tempo”. A filha, inconformada com o destino do amado, reage com coragem e amor, quebrando o encantamento: “A jovem o apanhou com as próprias mãos e o atirou num pote d’água, e deste ergueu um grosso rolo rodopiante de fumaça que foi aos poucos assumindo a forma e a imagem de Sikulume” (Braz, 2009, p. 34).

Esta passagem revela a fluidez entre as fronteiras do humano, do animal e do espiritual, característica fundamental das cosmologias africanas. Finnegan (2016, p. 22) observa que nas narrativas orais africanas os mundos natural e sobrenatural são combinados de forma que “elementos tradicionais e modernos são misturados nas performances”, sem que isso cause estranhamento para as comunidades que partilham desse universo simbólico.

A transformação de Sikulume não é mero artifício fantástico, mas expressa uma compreensão profunda da interconexão entre todas as formas de vida e da capacidade de transcendência através do amor e do poder espiritual. Alexandre von Saenger (2016, p. 53) explica que, na sabedoria bantu, “Deus criou o mundo com a palavra, a saliva e o sopro”, transmitindo ao homem “uma parte de sua própria vida”, estabelecendo assim uma continuidade entre o divino, o humano e o natural que se manifesta nessas metamorfoses.

O pote d’água como instrumento de restauração da forma humana simboliza a purificação e o renascimento espiritual. A fumaça que assume gradualmente a forma de Sikulume representa o processo de materialização do espírito, a reconexão entre essência e

aparência. Como argumenta Finnegan (2016, p. 14-15), nas histórias africanas, “várias histórias preferem manter seus personagens sob a forma de animais a falar diretamente sobre, por exemplo, os pequenos defeitos e virtudes das pessoas comuns”, pois isso “tem claramente o efeito de deslocar a narrativa da realidade pela escolha de seu próprio cenário”, permitindo uma reflexão mais profunda sobre a condição humana.

O desfecho da narrativa celebra não apenas a vitória individual, mas a conquista do reconhecimento comunitário: “Depois deste dia, ninguém nunca mais teve a coragem de dizer a Sikulume que ele não era capaz de fazer as coisas que ele se dispunha a fazer, e, assim, tornou-se o chefe de todos e um nome por muitos e muitos anos lembrado” (Braz, 2009, p. 37).

Este final revela aspectos fundamentais das estruturas sociais africanas. Finnegan (2016, p. 19) observa que “na apresentação oral, “o dever do contador tradicional é fazer a enunciação da forma mais clara possível e deixar cada indivíduo chegar à sua própria solução, se puder”.

A expressão "ninguém nunca mais teve a coragem de dizer a Sikulume que ele não era capaz" sugere que havia, antes de suas provações, uma desvalorização ou subestimação de suas capacidades mencionada na abertura do conto. A jornada de Sikulume representa, assim, não apenas uma aventura individual, mas uma trajetória de superação das humilhações sociais através da demonstração de valores como coragem, sabedoria e integridade moral.

O fato de ele “tornar-se o chefe de todos” não decorre de usurpação ou violência, mas do reconhecimento comunitário de suas qualidades excepcionais. Sikulume, ao completar sua jornada heróica, insere-se nessa cadeia de ancestralidade, tornando-se ele próprio referência para as gerações futuras.

A fórmula final “um nome por muitos e muitos anos lembrado” (Braz, 2009, p. 37), revela a função essencial da narrativa oral, a perpetuação da memória dos feitos exemplares, e essa narrativa, ao ser contada e recontada, garante que os valores encarnados por Sikulume continuem vivos na comunidade.

Este conto demonstra que a tradição oral africana não é mero repositório de histórias, mas sistema complexo de transmissão de conhecimento, valores e cosmovisão. Como afirma Finnegan (2016, p. 61), “a literatura oral é um dos modos como os línguas foram capazes de formular seus pontos de vista em relação à condição humana, num esquema reflexivo e cuidadoso”, e o mesmo se aplica às comunidades que preservam e transmitem histórias como a de Sikulume.

A narrativa ensina sobre respeito aos anciãos, importância da integridade moral, valor da coragem, poder da transformação espiritual e legitimidade da liderança conquistada através de ações exemplares lições que, como observa Calvet (2016, p. 45), permanecem vivas porque

“as palavras permanecem, *verba manent*”, contrariando o provérbio latino que valoriza apenas o escrito.

Neste contexto, os contos de Júlio Emílio Braz possuem um importante papel educativo, funcionando como instrumentos didáticos que transmitem valores morais e saberes ancestrais. Por meio dessas narrativas, é possível estimular a valorização da diversidade cultural africana na literatura brasileira e reintegrar as vozes historicamente marginalizadas, promovendo a formação de uma identidade plural.

A literatura infantojuvenil de Júlio Emílio Braz exemplifica como a arte narrativa pode desempenhar um papel fundamental na disseminação do conhecimento sobre a história africana e as culturas afro-brasileiras. Suas obras enriquecem o currículo escolar e desafiam preconceitos raciais e epistêmicos enraizados na sociedade. Ao trazer para o centro da narrativa elementos das mitologias africanas, suas histórias ampliam as referências culturais disponíveis para crianças e jovens leitores.

Como destaca Adichie (2009), os estereótipos não são necessariamente falsos, mas incompletos, pois resultam da redução de uma diversidade de narrativas a uma única versão. É, portanto, fundamental que essa literatura seja integrada ao ensino como parte de uma educação decolonial, capaz de reconhecer a multiplicidade de identidades e heranças que compõem a sociedade brasileira. Ao dar visibilidade às divindades, personagens e mitologias africanas, os textos de Braz oferecem uma narrativa rica e plural, que contrapõe a predominância da perspectiva eurocêntrica na literatura infantojuvenil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz, buscando compreender como o autor, por meio da reelaboração de narrativas orais africanas, contribui para a valorização da identidade negra e para a efetivação dos princípios da Lei 10.639/03 no contexto escolar. Retomando os objetivos propostos, o estudo evidenciou que a literatura infantojuvenil produzida por Braz transcende o caráter meramente estético, assumindo uma dimensão política e pedagógica voltada à reconstrução de imaginários e à superação das hierarquias culturais impostas pela colonialidade do saber.

A análise da obra revelou que o reconto *Sikulume* reconfigura elementos da tradição oral africana, traduzindo para o universo da literatura escrita valores como a coletividade, a ancestralidade, a coragem e a sabedoria ancestral. Tais princípios, que permeiam o conto,

permitem reconhecer na narrativa uma pedagogia da memória e da resistência, na qual o herói, ao enfrentar os desafios impostos, simboliza o triunfo da ética e da solidariedade sobre a opressão e a exclusão. Essa leitura demonstra que a literatura negra infantojuvenil constitui um espaço de enunciação que reconta a história sob novas perspectivas, ampliando o repertório simbólico disponível às crianças e aos jovens e possibilitando a formação de identidades positivas. A obra, portanto, responde à questão norteadora da pesquisa, *Como a obra Sikulume e outros contos africanos tematizam as culturas africanas?*, ao demonstrar que a transposição da oralidade à escrita se traduz em um mecanismo potente para a preservação da memória cultural e para a inserção de conhecimentos extra-ocidentais nos currículos escolares.

A contribuição mais significativa do trabalho reside nas suas implicações teóricas e práticas. Teoricamente, o estudo reforça a tese de que a literatura negra, atravessada pela experiência de enfrentamento ao racismo estrutural, transcende o registro meramente estético, constituindo-se como memória, resistência e um ato político de reescrita das narrativas silenciadas. Essa produção se configura como um território de luta contra a colonialidade do poder e o racismo epistêmico, que impôs uma hierarquização dos saberes.

No plano prático, a obra de Júlio Emílio Braz, marcada pela assunção de sua identidade negra e pelo compromisso com a valorização da negritude, representa uma ferramenta pedagógica de inestimável valor para a efetivação da Lei nº 10.639/03, um marco civilizatório que visa transformar os olhares e preparar um futuro menos desigual. O uso dessa literatura na escola é fundamental para fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento dos leitores negros e, simultaneamente, ampliar os horizontes de humanidade das crianças não negras. A investigação fortalece o compromisso social de formar educadores críticos, capazes de atuar como multiplicadores de uma cultura de reconhecimento e promoção da diversidade, o que é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

No entanto, como todo trabalho científico, este estudo possui suas limitações. A análise concentrou-se profundamente no reconto *Sikulume*, sem se aprofundar na análise das outras narrativas que compõem a obra *Sikulume e outros contos africanos*. Além disso, a investigação se deteve na análise textual e paratextual, sem abranger a dimensão da recepção da obra.

Neste sentido, emergem sugestões para pesquisas futuras. Recomenda-se a continuidade da investigação com a análise comparativa dos demais contos que compõem o livro, visando uma compreensão mais ampla da forma como Júlio Emílio Braz reelabora o repertório africano. Sugere-se, ainda, a realização de estudos empíricos para verificar como essa literatura tem sido incorporada na educação básica, atentando-se para a advertência de Magda Soares, que critica a escolarização inadequada da literatura, que a deturpa ou a esvazia de sua dimensão estética e

crítica. É crucial investigar se a obra está sendo utilizada como um recurso de formação de leitores ou se está sendo reduzida a um mero pretexto didático-burocrático.

A reflexão final reitera que o artigo se insere no horizonte de superação da colonialidade do saber, contribuindo para a construção de uma prática pedagógica transformadora, pautada no reconhecimento e na valorização da ancestralidade africana. A literatura infantojuvenil de Júlio Emílio Braz oferece às novas gerações um imaginário plural e potente, em que a infância negra não é marcada pelo silêncio, mas pela força criadora da memória. O trabalho, portanto, cumpre o compromisso ético de promover uma educação alinhada com as questões de identidade, representatividade e resistência cultural.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. *TED Global*, 2009.

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story.

ALCANFOR, Lucilene Rezende; BASSO, Jorge Garcia. Ensino de História, Literatura e Memória. *Capoeira – Revista de Humanidades e Letras*, v. 1, p. 339-367, 2024.

ASANTE, Molefi Kete. A Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93–111.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRAZ, Júlio Emílio. *Sikulume e outros contos africanos*. 2. ed. São Paulo: Pallas, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CUTI. *Literatura negro-brasileira: os sentidos da posse*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista de Estudos Avançados* 11(5), 1991.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos*. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.

FINNEGAN, Ruth. *A tradição oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2016.

GOMES, Nilma Lino. *Educação e diversidade: aprendizados para além da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 179-217.

JOVINO, Ione da Silva. *Personagens negras na literatura infantil brasileira de 1980 a 2000*. In: 38ª Reunião Nacional da ANPEd, São Luís: UFMA, 2017. Disponível em: <https://anped.org.br/>. Acesso em: 10 out. 2025.

LALO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: História e História*. São Paulo: Ática, 2007. 6ª ed..

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das relações étnico-raciais: avanços e desafios na implementação da Lei nº 10.639/03. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 2019.

SILVA, Rogério Bernardo da. A temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil: os autores e suas vozes. *Literaturas*, n. 5, 2016.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: MARTINS, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

THEAL, George McCall. *Kaffir (Xhosa) Folklore*. Londres: W. Swan Sonnenschein & Co., 1886. Disponível em: <https://sacred-texts.com/afr/xft/index.htm>. Acesso em: 24 jun. 2025.